

A VOZ FEMININA NO ROMANCE HISTÓRICO *DESMUNDO*, DE ANA MIRANDASimião MENDES JÚNIOR¹

RESUMO: Ana Miranda em seu romance *Desmundo*, de 1996, explora através do olhar crítico e desafiador da narradora-personagem Oribela, questões relacionadas ao tratamento dispensado às mulheres no período colonial brasileiro, quando a protagonista e mais seis órfãs são enviadas para se casarem com os portugueses que aqui estavam, narrando de forma desvelada todo o horror das situações humilhantes e insalubres pelas quais passaram durante a viagem e quando se fixaram na terra recém-descoberta, em uma narrativa que utiliza da ficção para denunciar a dura realidade que as mulheres enfrentavam nesse período histórico. Esse artigo procura discutir e identificar os traços característicos que configuram o romance de Ana Miranda como um romance histórico, abordando sua narrativa com base nas considerações de György Lukács (2011) em sua teoria do romance histórico, bem como os postulados de Peter Burke (1997), apontando a relação entre ficção e história e demonstrando como o texto literário pode revisitar o passado de forma crítica, em contraponto ao caráter inquestionável dos textos históricos, dando voz àquelas minorias que foram silenciadas pela história.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico. Desmundo. Lukács. Ana Miranda.

THE FEMALE VOICE IN THE HISTORICAL ROMANCE *DESMUNDO*, BY ANA MIRANDA

ABSTRACT: Ana Miranda in her 1996 novel *Desmundo* explores, through the critical and challenging look of the narrator-character Oribela, issues related to the treatment of women in the Brazilian colonial period, when the protagonist and six more orphans are sent to marry the Portuguese who were here, unveiling all the horror of the humiliating and unhealthy situations they went through during the trip and when they settled in the newly discovered land, in a narrative that uses fiction to denounce the harsh reality that women faced in that period historic. This article seeks to discuss and identify the characteristic features that configure Ana Miranda's novel as a historical romance, approaching her narrative based on the considerations of György Lukács (2011) in her theory of historical romance, as well as the postulates of Peter Burke (1997), pointing out the relationship between fiction and history and demonstrating how the literary text can critically revisit the past, in

1 Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Goiás (UFG), sob orientação do Prof. Dr. Pedro Carlos Lousada Fonseca. Mestre em Letras e Linguística pelo programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Endereço eletrônico: <simiao.junior.ufg@gmail.com>. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0003-2660-821x>>. Researcherid: <<https://researchid.co/simiao.junior>>.

contrast to the unquestionable character of historical texts, giving voice to those minorities that have been silenced by history.

KEYWORDS: Historical romance. Desmundo. Lukács. Ana Miranda.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desmundo é o título do quinto romance da escritora cearense Ana Miranda, publicado em 1996, no qual a autora narra a história da personagem Oribela, uma jovem órfã portuguesa enviada juntamente a seis outras garotas órfãs, Urraca, Bernardinha, Tareja, Pollonia, Isobela (essa última se atirou ao mar ainda durante a viagem) e uma jovem não identificada, pela rainha para o Brasil para contraírem matrimônio com portugueses que fixaram moradia na terra recém-descoberta, em uma tentativa da coroa e da igreja católica de evitar a miscigenação, uma vez que esses mesmos portugueses, sedentos por mulheres “brancas”, buscavam satisfazer seus desejos sexuais com as índias nativas, devido a falta de mulheres europeias disponíveis.

Ao aportar em uma terra misteriosa e selvagem “[...] com o coração em júbilo, mas de dúvida e receio, para povoar um despejado lugar.” (MIRANDA, 1996, p. 16), Oribela, assim como as outras órfãs, vai revelando seus medos, suas angústias e anseios ao se deparar com uma realidade muito distante daquela do mosteiro em que vivia em Portugal, bem como com a obrigação do casamento, como evidencia o trecho abaixo que traz linguajar coloquial, uma preocupação da autora para dar verossimilhança a narrativa:

As órfãs faziam sinal-da-cruz, iam arranjar marido bom e principal, ou então uns fideputas desdentados, trolocutores surdos, furtamelões, bêbados, cornos, condes das Barlengas, bem-me-queres, mal-me-queres, lobo nas ovelhas, caminho de espinhos, azemel de estrebaria, mulo namorado, fosse o que fosse, desde que dissesse: Senhora, quereis companhia? Mas ordenara a rainha, que seriam uns gentilhomens. (MIRANDA, 1996, p.21)

O medo e a aversão ao casamento obrigatório só aumentam à medida que Oribela conhece a nova terra, quando a narradora-personagem vai apresentando para nós leitores o tratamento recebido pelas mulheres no contexto do período colonial. Nesse exercício, a autora Ana Miranda possibilita a nós conhecermos, através do olhar e da experiência da protagonista do romance, os comportamentos e costumes típicos da colônia no século XVI e as ações misóginas e patriarcais dos sujeitos que viam essas mulheres como meros objetos sexuais, duplamente inferiores: primeiro, por serem mulheres e, segundo, por serem órfãs:

Órfã, só o que restava, pudesse querer se mover a tão distante país, como se diz desse tipo de mulher que ninguém quer, tesoura aberta, martelo sem cabo, alfinete sem ponta, que como o cão sorrateiro morde o cavalo e mata o cavaleiro. Filhas das pobres ervas e netas das águas correntes. As enjeitadas, as fideputas, que nem se rapta, nem se dota, mulher de cafraria. Que teve a rainha de dotar e o rei de dar ofício. (MIRANDA, 1996, p.52)

É no fato da protagonista ser órfã que entra o elemento histórico na narrativa ficcional de *Desmundo*: a obra se inicia com uma carta oficial do padre Manoel da Nóbrega ao rei D. João, solicitando que este o envie mulheres portuguesas para se casarem com os colonos que no Brasil estavam a trabalhar. É esse documento o elo entre ficção e história do romance, o qual buscaremos explorar em nosso artigo.

Sendo assim, neste texto, temos como objetivo analisar o caráter histórico do romance *Desmundo*, apontando a tênue e instável linha que serve como fronteira, dividindo história e literatura, com base nas considerações de Peter Burke (1997), bem como também a análise das características que identificam a obra como um romance histórico, através dos postulados de György Lukács (2011).

Por fim, pretendemos também elucidar o caráter de denúncia que a narrativa da autora tem em relação aos crimes do passado histórico no tratamento às mulheres,

principalmente às órfãs portuguesas, algo muito evidente e presente na visão de mundo da personagem protagonista Oribela, que não consegue se manter apática em relação ao que as potências sociais de seu tempo – os homens e a igreja – lhe reservavam, uma vez que, segundo os preceitos pregados tanto pela sociedade quanto pela igreja, para ser socialmente aceita, a mulher deveria seguir as imposições do pai, do padre e, por fim, do marido, o que denuncia o caráter de submissão ao qual as mulheres estavam sujeitas, caráter o qual Ana Miranda, através de sua personagem Oribela irá contestar.

Começaremos nossas análises por entender a instabilidade entre ficção e história, campos epistemológicos conhecidos como gêneros fronteiriços que se cruzam no que vem a se tornar o romance histórico.

NARRATIVA FICCIONAL E NARRATIVA HISTÓRICA: A FRONTEIRA ENTRE OS GÊNEROS

Em seu texto *As fronteiras instáveis entre história e ficção*, o inglês Peter Burke, professor da Universidade de Cambridge e referência no campo da Nova História, da história da cultura e da história das mentalidades, discute a relação entre o histórico e o literário. O autor aponta que existem dois tipos de fronteira no que diz respeito a esses dois campos epistemológicos: a fronteira fechada e a fronteira aberta, servindo tanto como obstáculos à comunicação (fronteira fechada) quanto como regiões de encontro (fronteira aberta).

O autor acredita que na antiguidade e no renascimento a fronteira entre esses dois campos se encontrava aberta, pois eles dialogavam e “[...] escritores gregos e seus públicos não colocavam a linha divisória entre história e ficção no mesmo lugar em que os historiadores a colocam hoje.” (BURKE, 1997, p. 108). Burke acredita que a fronteira entre os gêneros começou a se fechar na metade do século XVIII, quando a história e a ficção sofreram um “divórcio”, devido a uma divergência e distanciamento em relação aos tipos de discurso,

quando “[...] a torrente de pseudo-memórias e romances que se passavam por histórias secou.” (BURKE, 1997, p. 111).

Para a canadense Linda Hutcheon em *A poética do pós-modernismo*, até o século XIX, literatura e a história eram consideradas como pertencentes a uma mesma ramificação do saber, uma vez que tinham como finalidade a interpretação das experiências, com o objetivo de promover a elevação humana. Todavia, houve a construção de uma barreira (ou fronteira), e hoje, discursos teóricos sobre essa temática visam contestar esse afastamento, na tentativa de aproximar novamente os dois discursos por meio do que eles possuem em comum, evitando-se centrar nas suas distinções (HUTCHEON, 1991).

Segundo Peter Burke, essa tentativa de reaproximação se deu no século XX, que marcou a reabertura entre as fronteiras, com as convenções do romance histórico e da historiografia sendo questionadas, o que segundo o autor está relacionado a uma “[...] crise de consciência histórica.” (BURKE, 1997, p. 112), grande parte devido aos questionamentos do historiador estadunidense Hayden White, que ressuscitou a discussão da retórica da história, quebrando o tabu de que a fronteira entre história e ficção era sagrada. Isso fez com que historiadores passassem a questionar o caráter inquestionável e determinista dos documentos históricos, como afirma o Burke:

Se a história e ficção parecem ser “gêneros borrados” hoje, deveríamos procurar explicações para esse borramento não apenas em termos de um vago espírito pós-moderno de nossa época, mas também em termos das preocupações internas das duas comunidades, “ficcionalistas” e historiadores. Do meu lado da cerca, parece claro que é o desejo de uma história com uma face humana, em reação contra a macro-história, a história quantitativa e o determinismo (seja marxista ou estruturalista). (BURKE, 1997, p.114)

É essa reabertura da fronteira entre o histórico e o literário que possibilita o romance retratar fatos históricos através de uma narrativa que visa revisitar o passado como meio de

explicar o futuro. Se tratando de *Desmundo*, obra publicada em 1996, após um *boom* que acontece a partir da década de 1980 não só no Brasil, como em toda América Latina, de produzir uma literatura capaz de revisitar o passado histórico através de obras em que o escritor reapresenta e repensa momentos históricos a partir de novas perspectivas, novos olhares, subvertendo a história através de estratégias narrativas, como faz Ana Miranda ao dar lugar de fala a uma mulher para contar o período colonial através de seu ponto de vista.

Essas produções literárias se inserem dentro de um contexto de uma nova narrativa histórica latino-americana, como propõe Fernando Aínsa (1988), inseridas em uma realidade cultural, política e social que visa questionar a hegemonia da colonização portuguesa, através da ficcionalização do passado histórico. Seguindo esse preceito, Rogério Max Canedo Silva em sua tese de doutorado *O romance histórico da colonização: a figuração artística transgressiva do passado em O tetraneto del-rei, de Haroldo Maranhão, A gloriosa família, de Pepetela, e As naus, de António Lobo Antunes*, afirma que o novo romance histórico, no qual a obra em estudo se enquadra, visa “[...] contribuir para erigir um pensamento crítico sobre os resultados reais, no presente, do processo colonizador empreendido por séculos por essa antiga metrópole.” (SILVA, 2016, p. 232).

Sendo assim, o romance histórico tem por objetivo fazer com que o leitor tenha no presente, um olhar crítico sobre a abordagem que se faz do passado histórico, questionando verdades tidas como absolutas, principalmente em relação ao que a ele compete como membro de determinada comunidade, pois como afirma Silva, “[...] o romancista, tal qual o historiador, se valendo da narrativa, recupera e ilumina as condições sociais que regem a vida de determinada comunidade.” (SILVA, 2016, p. 214), cabendo assim aos representantes das duas fronteiras, a literária e a histórica, darem ao fato histórico abordado, um caráter menos monumental e mais humano, desmistificando os relatos históricos, buscando representar em

seus campos epistemológicos, as minorias, os rejeitados e os silenciados pelo discurso histórico determinista. Algo a que se propõe Ana Miranda em seu *Desmundo*.

CARACTERÍSTICAS DE ROMANCE HISTÓRICO EM *DESMUNDO*

Havíamos mencionado que o elemento que mais caracteriza a obra de Ana Miranda como um romance histórico é a carta que abre o livro, escrita por padre Manoel da Nóbrega a D. João, solicitando o envio de mulheres portuguesas para se casarem com os portugueses que habitavam o Brasil:

A El-Rei D. João (1552) Jesus Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra ha de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura dellas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartarse-hão do peccado. Manoel da Nobrega. (MIRANDA, 1996, p. 7)

É a partir da leitura deste fragmento que abre o romance, funcionando como uma epígrafe, que podemos perceber que há um enlace entre ficção e história na obra de Ana Miranda. Os conflitos e desastres das grandes navegações portuguesas desencadearam uma onda de órfãs e mulheres viúvas dos tripulantes mortos nas grandes expedições, o que para a igreja católica, trouxe a necessidade do recolhimento e da educação destas mulheres para que pudessem seguir o “bom caminho”, se tornando não só religiosas devotas, como também aprendendo a serem boas mães e esposas, estando prontas para servirem aos desejos e ordens dos seus maridos, da igreja e do reino.

Beatrice Uber e Gilmei Francisco Fleck, no artigo *As “Órfãs da Rainha” em Desmundo* (1996), do discurso histórico para o ficcional, apresentam informações pertinentes que confirmam a existência das órfãs portuguesas que inspiraram as personagens do romance de



Ana Miranda. Com base na tese de doutorado de Sandra Regina Goulart Almeida, intitulada *O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português* (2003), as autoras apontam para a questão da orfandade em Portugal:

De acordo com Almeida (2003), as órfãs sempre existiram em Portugal, mas esse problema foi aumentando com o decorrer dos tempos. Por exemplo, as casas de misericórdias, acolhimentos dos doentes, famintos e errantes, já não havia mais como “acudir a orfandade desvalida, matar a fome, cobrir a nudez.” (ALMEIDA, 2003, p. 156 apud MARTINS, 1932, p. 17). Assim, os orfanatos, tornaram-se locais propícios para acolher mulheres que eram órfãs e não tinham mais os cuidados familiares. (FLECK; UBER, 2018, p. 74)

As autoras afirmam que para serem aceitas nas casas de misericórdias, as mulheres precisavam preencher alguns requisitos, como serem órfãs de pai e mãe, filhas de matrimônio legitimado pela igreja, não ser judia e ainda demonstrar condição de pobreza. De acordo com Sandra Regina Goulart Almeida, no funcionamento, esses lugares se igualavam aos conventos, onde cada órfã tinha suas tarefas, e, enquanto, usufruíam da estadia da instituição, recebiam boa educação. No romance de Ana Miranda vemos Oribela lembrar com saudade do convento em que foi criada e do qual foi arrancada a pedidos do padre Manoel para ser enviada a um país desconhecido para ser forçada a se casar também com um desconhecido.

Fleck e Uber (2018) afirmam que, na ausência de mulheres brancas nas colônias portuguesas, a coroa, a pedidos, reuniu e enviou jovens de 14 a 30 anos para se casarem com portugueses da baixa nobreza, que na colônia não tinham funções nobres:

Diziam que eram aquela gente tanoeiros, carvoeiros, caldeireiros, cavaqueiros, soldados, sangradores, pedreiros, ferreiros, calheiros, pescadores, lavradores, eirós, eirós, ores, ores e tudo o mais necessário para se fazer do mato uma cidade. (MIRANDA, 1996, p. 25)

Esses eram os colonizadores com os quais as órfãs tinham a missão de se casarem e gerarem filhos brancos legítimos “[...] cumprindo-se o lema da ‘unidade (política, religiosa e linguística) e pureza (de raça)’ que a metrópole desejava para a colônia.” (FLECK; UBER, 2018, p. 75).

A narrativa de Ana Miranda em *Desmundo*, através da temática em que visa relatar o drama das órfãs enviadas em grandes naus para as colônias de Portugal, permite a nós, leitores e estudiosos, a releitura crítica desse envio por parte da coroa das órfãs portuguesas para a colônia brasileira, sem contudo, partir de uma tentativa desconstrucionista dos relatos históricos tidos como oficiais, traço essencial nos romances históricos que visam revisar a história oficial.

Outro traço importante, além da já citada releitura do passado de forma crítica e não desconstrucionista, é o distanciamento temporal da obra ficcional em relação ao tempo histórico que ela visa retratar, o que permite a possibilidade de se contar o passado de maneira menos idealizada e mistificada, fazendo uso do recurso já citada da subversão e da perspectiva marginalizada, descentralizada, utilizando o relato e a visão de protagonistas que se enquadram em minorias, como negros, homossexuais ou, como no caso de *Desmundo*, de mulheres.

Conseqüentemente, o discurso proferido por essa narradora-personagem proporciona a rescrita da história das órfãs portuguesas, apresentando assim, uma visão a partir de uma nova perspectiva, um novo prisma em relação ao processo de colonização brasileira e de como chegaram os primeiros colonizadores, como foi sua relação com os nativos, além da questão da escravidão e da subjugação das órfãs portuguesas, uma vez que todas essas temáticas são abordadas por Miranda em seu romance, que busca retratar tais temáticas de forma diferente daquelas apresentadas pela história hegemônica, oficializada em textos históricos e matérias didáticos.

A partir dessas características mencionadas, história passa a ser vista como um pano de fundo, perdendo o protagonismo na narrativa, que passa a abordar as questões particulares das vidas dos sujeitos comuns, não os sujeitos históricos importantes, mas

aqueles cuja a historiografia legou ao silenciamento, estruturando-os e representando-os ontologicamente, deixando de ser assim a narrativa um monopólio dos grandes homens da história tradicional, passando o discurso a abordar as ações dos sujeitos como um todo, em especial as classes populares e as marginalizadas, que na história tradicional viviam nas sombras dos grandes feitos dos grandes nomes da história, como afirma György Lukács no excerto abaixo de sua obra *O romance histórico* (2011), sintetizando a principal característica do romance histórico no tocante a esse sentido:

No romance histórico [...] trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional [...] que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações [...] são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial. (LUKÁCS, 2011, p. 60)

É através das micro-estórias que se apresentam a totalidade histórica, os grandes momentos históricos são vistos, assim, a partir da perspectiva e da ótica dos sujeitos médios, dos sujeitos comuns. É por esse motivo que Lukács acredita que o texto literário é mais do que objeto e fonte da História, pois ele possui papel importante e indispensável na configuração dos sujeitos e na representação da realidade, seja a artística, seja a empírica e epistemológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da leitura do romance de Ana Miranda, percebemos que a autora tenta em sua obra, através de estratégias que a caracterizam como um romance histórico, a saber, a retratação de um momento histórico, tendo como personagem, não uma figura histórica, mas sim, uma personagem mediana que visa narrar os fatos de acordo com sua visão subjetiva,

apresentar o lugar social da personagem Oribela, uma órfã que é solicitada pelo padre Manoel de Nobrega em carta oficial ao rei, para que fosse enviada à colônia para que fosse desposada.

Um dos objetivos de analisar, neste artigo, um romance que trata da questão do gênero feminino em um contexto histórico marcado pelo forte teor patriarcal é o de buscar expandir e fortalecer os estudos não só do romance histórico, mas também os estudos de gênero, de obras de autoria e de temática feminina na literatura brasileira. É preciso dar fôlego às obras que visam explorar o universo feminino, seja em um contexto histórico, seja no contexto contemporâneo.

Cabe frisar, também, a necessidade do estudo de narrativas brasileiras contemporâneas, buscando demonstrar seu valor às academias e aos que insistem no ranço em relação ao que deve ou não fazer parte do seletivo (e às vezes caduco) cânone literário brasileiro. Apesar de autora premiada e da obra *Desmundo* ter ganhado uma adaptação cinematográfica em 2003, Ana Miranda é uma romancista ainda desconhecida para muitos que não estão inseridos dentro do ambiente acadêmico. A obra que analisamos tem grande valor para repensar como a misoginia, o sexismo e o machismo se instauraram historicamente no país, estando presentes em diversas épocas, se articulando de diferentes maneiras ao ponto de promover atos de violência e injúria contra as mulheres.

É abordando essa temática dentro de um período histórico marcado pela total repressão e desvalorização do gênero feminino que a narrativa da obra que discutimos desconstrói a perspectiva oficial da história, trazendo à tona, vozes que foram silenciadas no decorrer dos relatos oficiais, contribuindo para desestabilizar a rigidez que envolveu até o século XX o discurso documental, quando a fronteira é reaberta. É pelo olhar da protagonista de Ana Miranda que se faz possível vislumbrar a opressão e violência social destinadas à mulher no Brasil do século XVI, vista, tanto pela igreja quanto pela sociedade patriarcal, como

responsável pela disseminação do pecado, em uma aproximação do feminino com o demoníaco, como fica claro no excerto abaixo:

Mandaram as órfãs se calarem de seus ruídos e largarem os mirantes que davam vista para o mar e para umas teracenas onde embarcavam caças, peixes, frutas, de uns esquifes de naturais. E nos mandaram em joelhos rezar, que fazíamos pouco de nossos ímpetos mulheris dados ao demônio que devíamos temer e vigiar, vivia o Mau dentro de nossas almas negras, para não sermos arrebatadas pelo espírito maligno e que depois nos fôssemos confessar de joelhos. (MIRANDA, 1996, p. 41)

Desmundo enfim, é um romance histórico que contribui, com suas denúncias e com a forma em que retrata o contexto histórico do período colonial, o descaso com o qual a história oficial retratou e ainda retrata a mulher no primeiro século da colônia, em uma narrativa que visa alargar a perspectiva desmistificadora proposta pela nova forma de narrar a história, seja de forma ficcional, seja documental, desconstruindo a ideia de um modelo feminino marcado pela sujeição e fragilidade para retratar as mulheres ocultadas pela história oficial, reescrevendo seu papel social na história.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, Fernando. *El proceso de la nueva narrativa latinoamericana de la historia y la parodia*. Caracas: El Nacional, 1988, p. 7-8, 17 dic.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Encontros e contatos em *Desmundo* e *Amrik* de Ana Miranda. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, p. 135-149, 2002.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português – XVI. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003.



ANDRADE, Maria Isabel de Matos. Desmundo, de Ana Miranda: uma história do medo no Brasil. *Arquivo Maaravi: Revista digital de estudos judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, out. 2009.

ASSIS, Adriana Carolina Hipolito de. O palimpsesto amoroso em Desmundo: contos de fadas. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica-PUC, São Paulo, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Gardini T. (Orgs.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

COSTA, Afonso. As órfãs da rainha. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, v. 190, p. 105-111, jan./mar., 1946.

CRUZ, Décio Torres; RIOS, Dinameire Oliveira. Ser Mulher em um 'Desmundo' Hostil. *Revista Sísifo*, v. 1, n. 3, mai., 2016.

CRUZ, Décio Torres; RIOS, Dinameire Oliveira. Uma voz dissonante: Desmundo e o lugar social da mulher no Brasil colonial. *ContraCorrente: revista de estudos literários e da cultura*, n. 8, 2016.

ESTEVES, Antônio Roberto. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FLECK, Gilmei Francisco; Uber, Beatrice. As "Órfãs da Rainha" Em Desmundo (1996): do discurso histórico para o ficcional. *Revista Interfaces*, v. 9, n. 1, mar. 2018.

GÄRTNER, Mariléia. Mulheres contando história de mulheres: o romance histórico brasileiro contemporâneo de autoria feminina. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2006.

HAHNER, June Edith. *A mulher no Brasil*. Trad. Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, Pollyama Correia. A busca de uma identidade na metaficção de Desmundo. XV Congresso Internacional ABRALIC. 07 a 11 agosto de 2017. Rio de Janeiro: UERJ.



LUKÁCS, György. *O Romance Histórico*. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUKÁCS, György. *Teoria do Romance*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

MACHADO, Ana Miranda. *Desmundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

PEREIRA, Juliana Cristina Minaré. *As figurações do feminino em Desmundo (1996), de Ana Miranda*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Conselho, Programa de Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp /Araraquara, 2018.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmam. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

SILVA, Rogério Max Canedo. O romance histórico da colonização: a figuração artística transgressiva do passado em O tetraneto del-rei, de Haroldo Maranhão, A gloriosa família, de Pepetela, e As naus, de António Lobo Antunes. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da UnB, 2016.

ZORZO, Solange Salete Tacolini. A voz ex-cêntrica da personagem Oribela em Desmundo. *Revista Policromias*, Ano II, dezembro 2017.

ZORZO, Solange Salete Tacolini. Desmundo: retratos e fotogramas metaficcionalis – As relações dialógicas entre o romance de Ana Miranda e o filme de Alain Fresnot. Dissertação. (Mestrado em Letras). Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), 2014.

Enviado: Setembro de 2020.
Aceite: Fevereiro de 2021.